

**A HISTÓRIA E A PRÁTICA ARQUIVÍSTICA: REFLEXÕES
SOBRE O TRABALHO COM OS DOCUMENTOS DO ACERVO
“EMPRESA BORTULOZZI” DO CEDOC/UNESC¹**

**HISTORY AND ARCHIVISTIC PRACTICE: REFLECTIONS ON
THE WORK WITH THE DOCUMENTS OF THE "BORULOZZI"
COMPANY OF CEDOC / UNESC**

Nathália Pereira Cabral
nana_p_c@hotmail.com
Michele Gonçalves Cardoso
michelegc@unesc.net

Resumo: Este trabalho versará sobre os resultados obtidos a partir do projeto intitulado ‘Fundo empresa Bortoluzzi: da catalogação às relações trabalhistas’, fomentado pelo PIBIC/CNPQ/ UNESC e finalizado em 2017. Além do trabalho técnico relativo ao acervo, como questões de higienização, conservação e restauro, também serão apontados os possíveis desdobramentos da documentação analisada e do potencial de pesquisa acerca da história local e regional do sul de Santa Catarina.

Palavras-chave: Arquivo, Documentação, Migrações.

Abstract: This work will focus on the results obtained from the project entitled "Bortoluzzi company fund: from cataloging to labor relations", promoted by PIBIC/CNPQ, finalized in 2017. In addition to the technical work related to the acquis, such as hygiene, conservation and restoration issues, It will also be pointed out the possible unfolding of the documentation analyzed and the research potential about the local and regional history of the south of Santa Catarina.

Keywords: Archive, Documentation, Migrations.

Para estabelecermos a discussão acerca das práticas de arquivo e documentação nos espaços formais e informais no âmbito universitário, é preciso neste primeiro momento delimitarmos em qual espaço se deu a prática arquivística dos referidos documentos históricos. O acervo estudado pertence ao Centro de Memória e Documentação da UNESC – CEDOC, localizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma/SC.

Em 2017, O CEDOC completou 17 anos, sendo sua trajetória marcada pela formação, pesquisa, extensão e educação para a comunidade acadêmica e externa, desenvolvendo diversos trabalhos em parceria com o curso de História da instituição. O

¹ Resumo de Trabalho de Conclusão de Curso. Nathália Pereira Cabral. Graduada em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Projeto vinculado ao grupo de pesquisa Patrimônio Cultural: Histórias e Memórias. O trabalho de pesquisa foi orientado por Michele Gonçalves Cardoso e contou com apoio financeiro do projeto PIBIC/UNESC

Centro foi criado para salvaguardar processos judiciais da Comarca de Criciúma que seriam descartados pelo fórum, no início dos anos 2000. Atualmente essa documentação compõe um dos fundos da instituição. Apesar de sua ligação institucional com o curso de História, o CEDOC atua em paralelo com outras áreas do conhecimento, trabalhando de maneira interdisciplinar na busca de políticas para os projetos desenvolvidos e de crescimento para os laboratórios instituídos no Centro. Estão vinculados ao CEDOC diversos projetos de pesquisa, grupos de estudos e atividades extracurriculares que se apropriam dos Laboratórios de História Oral, Imagem e Som, Laboratório de Educação para o Patrimônio e, Laboratório de Documentação, Conservação e Restauro.

A instituição atualmente conta com oito fundos e coleções. Organizados como fundos: CEDOC, Bortoluzzi, Centro de Estudos, Documentação e Informação Popular – CEDIP, e como coleções: Memória e Cultura do Carvão – MCC, Pe. Estanislau Cizeski, Centro de Memória da Educação do Sul de Santa Catarina – CEMESSC, Justiça do Trabalho, Tribunal de Justiça e Coleção Memória da UNESCO. A documentação estudada neste projeto é referente ao Fundo Bortoluzzi, pesquisado entre os anos de 2016 e 2017. O projeto objetivava discutir questões técnicas sobre a prática arquivística desenvolvidas por profissionais da área da História, além de observar as relações trabalhistas evidenciadas pela documentação.

Segundo o professor e historiador João Henrique Zanelatto², a trajetória do Fundo Bortoluzzi enquanto documentação histórica pertencente ao Centro inicia em meados de 2011, por meio de uma doação feita por um empresário da cidade de Nova Veneza³, localizada no sul de Santa Catarina. Ao realizar a compra de um imóvel, o empresário se deparou com uma vasta quantidade de documentos administrativos pertencentes às empresas dirigidas pela família Bortoluzzi⁴, sendo esta documentação datada entre o final do século XIX e a metade do século XX.

² Entrevista realizada por Nathália Pereira Cabral no dia 24/07/2017. Zanelatto atuou na coordenação do CEDOC e atualmente é professor nos cursos de História, Economia e do Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico da UNESCO.

³ Nova Veneza é uma cidade do Extremo Sul Catarinense, próxima aos municípios de Forquilha e Criciúma, constituída a partir de processos migratórios ocorridos no final da segunda metade do século XIX, tendo recebido em 1891 – ano da Constituição da Colônia Nova Veneza a partir da lei Glicério (Decreto n.º 528, de 28 de junho de 1890) – um grande número de imigrantes italianos/as oriundos/as de regiões do norte e nordeste da Itália como Vêneto.

⁴ Os Bortoluzzi são conhecidos como uma das primeiras famílias a se inserir na Colônia Nova Veneza em 1891. Além disso, mantiveram um monopólio econômico local por mais de cinco décadas. A família foi responsável por atividades desde a fabricação de banha de porco, exportando para diversas localidades próximas e também para os portos de Laguna e São Francisco. Também desempenhavam atividades na comercialização de roupas, sapatos e alimentos em geral, mantendo dezenas de filias na região e vasta clientela.

Devido a situação de abandono do local, grande parte desse acervo encontrava-se danificado, o que exigiu da equipe do CEDOC, uma triagem dos documentos que não haviam sido totalmente destruídos pela ação do tempo. Assim, o acervo foi destinado aos laboratórios do CEDOC, porém devido as demandas das(os) funcionárias(os) na época, os quais já se encontravam em função do restauro de outros acervos, o Fundo Bortoluzzi permaneceu sem nenhuma avaliação efetiva e cuidados técnicos até o início deste projeto no ano de 2016.

É válido ressaltar que embora o projeto tenha um caráter técnico, nossa atuação se deu muito mais pelo campo de reconhecimento do acervo e de uma prévia organização estabelecida por alguns marcos temporais – como a divisão do acervo em três fases correspondentes as transformações da empresa Bortoluzzi, respectivamente: Bortoluzzi Irmãos (1904), Bortoluzzi Irmãos & Cia (1929) e Indústria e Comércio Bortoluzzi S/A (1941) –, do que necessariamente embasá-lo em normativas acerca da questão arquivística. É essencial reconhecermos que nossa trajetória enquanto acadêmicas/os e profissionais da área de história nos limita em muitos aspectos, tanto em questões normativas e metodológicas sobre o arquivo e a documentação que acarretam diretamente na questão prática e técnica (processos de restauro com produtos químicos em documentos que necessitem de confecções de guias⁵, inventários⁶, catálogos e índices⁷, etc), quanto no estreitamento do diálogo com outras áreas.

Os arquivos são, ao mesmo tempo, o elemento mais importante e o menos discutido da construção histórica. A ausência de um diálogo efetivo entre historiadores e arquivistas, bem como a falta de conhecimento técnico e teórico sobre a ciência do 'outro' são responsáveis pela situação lamentável em que se encontram duas pontas da mesma realidade, assim como pela enorme distância que as separa. (LOPEZ apud MIRANDA, 2012, p. 901).⁸

⁵Instrumento de pesquisa com informações mais gerais e básicas do local e das atividades realizadas – neste caso o CEDOC –, pode ser utilizado como meio de divulgação. É indicado que seja o primeiro material confeccionado (antes dos catálogos e inventários).

⁶Segundo Andre Porto Ancona Lopez em seu livro **“Como Descrever Documentos de Arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa”**, 2002, pg. 29: “Os inventários são, pela ordem hierárquica dos níveis de classificação, os instrumentos de pesquisa que se segue ao guia. Eles buscam oferecer um quadro sumário de um ou mais fundos ou coleções. (...) Ao contrário do guia, os inventários devem, necessariamente, abordar conjuntos documentais com algum nível de organização do ponto de vista da classificação arquivística.

⁷Ainda segundo LOPEZ, pg. 32: Os catálogos e índices constituem instrumentos voltados para a localização específica de unidades documentais. O catálogo dará continuidade a descrição da série iniciada com o inventário, detendo-se, agora, em cada documento (...).

⁸ MIRANDA, Marcia Eckert. Os Arquivos e o ofício do historiador. **Anais eletrônicos do XI Encontro Estadual de História**. Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Rio Grande, RS. p. 900-911, 2012.

Nosso primeiro contato com o acervo foi bastante trabalhoso, pois além do volume documental (17 caixas tipo arquivo) tinha-se perdido grande parte das informações junto à documentação que havia sido descartada no momento da coleta. A falta de ordenação do acervo salvaguardado também foi um desafio. Para ordená-los era preciso estabelecer uma compreensão a partir do ciclo dos próprios documentos, buscando entender sua lógica de organização por quem os produziu e concebeu, e não a partir de nossa visão de mundo contemporâneo, ou seja, se fez necessário um exercício constante de cuidados para evitar anacronismos em uma documentação primária e majoritariamente de cunho administrativo.

Outro fator preponderante era o processo de historicização desse acervo para uma melhor compreensão das tramas e tensões que estavam intimamente ligadas com as informações analisadas em muitos desses suportes. Dessa forma, se fez necessário também uma extensa pesquisa sobre a história da constituição da Colônia Nova Veneza, que surgiu em 1891 a partir dos processos migratórios vivenciados no final do Império e início da República. Segundo Pagnotta e Assis (2013, p. 81):

(...) O governo garantiria: a passagem desde o porto do Rio de Janeiro até o núcleo colonial; a atribuição de um lote de terra a cada família migrante; os alojamentos para os camponeses (alojamentos estes que poderiam ser casas) e a concessão de um pedaço de terra já desmatado para plantação de gêneros de subsistência, além do fornecimento de sementes, instrumentos de trabalho e mantimentos gratuitos nos primeiros 10 dias. Foi nesse contexto que ocorreu a vinda dos italianos para o Brasil. Portanto, na segunda metade do século XIX, no Brasil, a Região Sudeste do País tornou-se a principal receptora de imigrantes, principalmente italianos e alemães. Os anos 50 desse mesmo século foram caracterizados por uma grande agitação na política de colonização do Brasil, dando vida à Lei no. 601, de setembro de 1850, conhecida como "Lei de Terras", que tentava regulamentar a propriedade privada da terra no País e pela qual a colonização estrangeira se tornou um elemento de vital importância.⁹

Aprofundando a análise dos processos migratórios deste período, além das autoras citadas Pagnotta e Assis, também trabalhamos com autores locais, tais como, Bortolotto¹⁰ em uma perspectiva tradicional, e o memorialista Baldessar¹¹. Contribuíram ainda para o entendimento destes processos os autores Brunello¹² e Beneduzzi¹³.

⁹PAGNOTTA, Chiara; ASSIS, Gláucia de Oliveira. Os italianos no espaço público de Santa Catarina (Brasil). Entre epopeia e festas étnicas. **Confluenze: Revista Di Studi IberoAmericani**, Bologna, v. 9, n. 1, p.78-106, 2013. Anual.

¹⁰BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

¹¹BALDESSAR, Mons. Quinto Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no Sul do Estado de Santa Catarina**. Brasília, 1991.

¹²BRUNELLO, Piero. **Pionieri. Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera**. Veneza: Donzelli, 1994.

Relativo ao referencial bibliográfico sobre *arquivo e documentação*, contribuíram para este projeto os/as seguintes autores/as: Lopez e Miranda; Bernardes¹⁴, Gonçalves¹⁵, Costa¹⁶, Cornelsen¹⁷, Yamashita e Paletta¹⁸, Lopes¹⁹ e Farge²⁰. Devido a limitação do Centro de Memória e Documentação da UNESCO - CEDOC, referente a materiais, funcionários e técnicos disponíveis, não conseguimos desenvolver alguns procedimentos metodológicos sugeridos por estes/as autores/as. Parte de nossas dificuldades se deu no processo de descrição do acervo, atividade realizada apenas de maneira preliminar, mas que exigirá ainda longa dedicação. Sobre este processo, LOPES (2002, p. 12) comenta que,

A organização arquivística de qualquer acervo pressupõe não apenas as atividades de classificação, mas também as de descrição. Somente a descrição arquivística garante a compreensão ampla do conteúdo de um acervo, possibilitando tanto o conhecimento como a localização dos documentos que o integram. Nesse sentido, podemos afirmar que as atividades de classificação só conseguem ter seus objetivos plenamente atingidos mediante a descrição documental. Sem a descrição corre-se o risco de criar uma situação análoga, à do analfabeto diante de um livro, que ele pode pegar e folhear, mas ao qual não pode ter acesso completo por não possuir meios que lhe permitam compreender a informação. A classificação arquivística, desprovida das atividades de descrição, somente é inteligível para as pessoas que organizaram o acervo.

Como afirmado é necessário o aporte de bons métodos de descrição dos documentos, para que a leitura e análise deles seja possível para todos/as que entram em contato com a documentação, e não apenas para quem os classificou. Pensando nisso, em 2016, quando se deu início ao processo de reconhecimento e identificação do acervo, criamos uma ficha de Classificação e Diagnóstico, que além de ser utilizada pelo Fundo Bortoluzzi, pudesse contemplar os demais fundos e coleções da instituição.

¹³BENEDUZI, Luis Fernando. **Nem santos nem demônios: italianos**. Porto Alegre: PPGHistória/UFRGS, 1999. (Dissertação de Mestrado).

BENEDUZI, Luis Fernando. **Mal diPaese: as reelaborações de um Vêneto imaginário na ex colônia de Conde D'eu (1884-1925)**. Porto Alegre: PPGHistória/UFRGS, 2004 (Tese de Doutorado).

¹⁴BERNARDES, Ieda Pimenta. **Como Avaliar Documentos de Arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

¹⁵GONÇALVES, Janice. **Como Classificar e Ordenar Documentos de Arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

¹⁶COSTA, Alexandre de Souza. **A Bibliografia Arquivística no Brasil – Análise Quantitativa e Qualitativa**. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 08-26, jan/jun 2007.

¹⁷CORNELSEN, Julce Mary. **Gestão Integrada da Informação Arquivística: O Diagnóstico de Arquivos**. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v. 2, n.2, p. 70-84, ago/dez 2006.

¹⁸YAMASHITA, Marina Mayumi, PALETTA, Fátima Aparecida Colombo. **Preservação do Patrimônio Documental e Bibliográfico com Ênfase na Higienização de Livros e Documentos Textuais**. Arquivística.net, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 172-184, ago/dez 2006.

¹⁹LOPES, Uberdan dos Santos. **Arquivos e a Organização Documental**. Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 8/9, p. 113-122, 2003/2004.

²⁰FARGE, Arlette. **O Sabor do Arquivo**. Tradução: Fátima Mirad, São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

A ficha continha uma série de dados que deveriam ser pontuados e descritos referentes a cada documento classificado: qual fundo ou coleção pertencia; em qual caixa o documento se encontrava; qual sua classificação; tipo de documento; número de folhas, dimensão do suporte, dimensão da capa; se era um documento original ou cópia; caso o documento fosse um jornal, periódico, revista, ou informativo deveria ser informado o nome do veículo, local de publicação, data, número da edição, nº original de páginas, nº de folhas, tipo de matéria (artigos, reportagens, entrevistas, outros); forma de aquisição (compra, empréstimo, permuta, doação, outro); forma de apresentação (encadernação: sim ou não); características de deterioração (manchas d'água, fungos, lama, ferrugem, buracos, fita adesiva, escurecimento, perda de suporte sujidades, cola oxidação da tinta, insetos, dobras, gorduras, ondulações, queimaduras, rasgos e cortes, perda da capa, perda de pigmento, perda de folhas, outros); caso tivesse sido feito limpeza mecânica e/ou restauração, os processos deveriam ser descritos e as datas informadas; e finalmente era reservado um espaço para resumo do documento, onde nós, enquanto pesquisadoras responsáveis, descrevíamos todas as informações que fossem identificadas na análise e que não haviam sido citadas ou pontuadas anteriormente na ficha.

No processo de distribuição do arquivo, fundamentado nos marcos temporais já citados, além da análise minuciosa dos documentos selecionados na primeira e segunda fase, realizamos também intervenções nestes suportes. Para isso, se fez necessário o acompanhamento das técnicas e especialistas do CEDOC no desenvolvimento das atividades de higienização e restauro. Segundo Yamashita e Paletta (2006, p. 177):

A higienização de um acervo é um dos procedimentos mais significativos que há no processo de conservação de materiais bibliográficos. A poeira é a grande inimiga da conservação de documentos, pois contém partículas de areia que cortam e arranham; fuligem, mofo e inúmeras outras impurezas, atraem umidade e degradam papéis. Além de remover a poeira, sempre que possível, devem ser removidos objetos danosos aos documentos, como grampos, cliques e prendedores metálicos. A higienização corresponde a retirada de poeira e outros resíduos estranhos aos documentos, por meio das técnicas apropriadas. (...) Uma vez que a limpeza pode ocasionar danos aos livros e documentos, deve, ensinar-se, aos funcionários, técnicas de manuseio além de conscientizá-los da importância dessa tarefa que, por ser tão detalhada e morosa, é frequentemente adiada ou esquecida; ela deve ser executada de forma cuidadosa: volume a volume ou documento a documento. Essa atividade demanda local e material apropriados e deve ser um hábito na rotina de manutenção de bibliotecas e arquivos.

Parte do acervo recebeu uma higienização básica, sendo desenvolvidas somente atividades que não comprometessem o acervo e principalmente, nossa saúde. Para a

realização dos processos foi necessário a utilização de trinchas para remoção de sujidades superficiais e visíveis, confecção de buchinhas²¹, compra de raladores e borrachas que auxiliaram no processo de higienização e, em alguns casos, a utilização de bisturi para retirada de excrementos de insetos (como as traças). Foi realizada também, a retirada de pregos, grampos e cliques para evitar que os documentos danificassem ainda mais, já que estavam enferrujados; em casos especiais utilizamos o papel japonês e a cola metil para aplicar pequenos curativos nos documentos. Boa parte da documentação higienizada e/ou restaurada foi levada à prensa para planificação e retirada de ondulações e dobras. As plantas existentes no acervo foram levadas para a mapoteca e tiveram envelopes confeccionados para seu melhor armazenamento. É importante destacar que muitos documentos separados para análise, não foram higienizados e restaurados por conterem fungos considerados perigosos para a saúde humana, sendo assim, é necessária uma avaliação desempenhada por técnicos/as e especialistas e posteriormente, o uso de produtos químicos por pessoas autorizadas. Para nossa segurança utilizamos os EPI²²: luvas cirúrgicas, máscaras de carvão, jalecos, toucas, óculos de proteção, calças compridas e calçados fechados.



O trabalho desenvolvido com acervos em suporte papel é uma atividade morosa, que exige dedicação e certa artesanaria. Com o tempo as ‘peças’ vão sendo montadas e desmontadas pelo contínuo diálogo com/entre as fontes. O arquivo parece nos proporcionar o encontro com o real, o verdadeiro, o que nos põe em alerta para evitarmos cair no “feitiço dos arquivos”²⁴.

Ainda, segundo FARGE (2009, p. 18):

²¹ Saquinhos confeccionados com algodão e borracha ralada pra realizar higienização de documentos.

²² Equipamento de Proteção Individual.

²³ Restauração e análises de documentos do **Fundo Bortoluzzi** realizadas no CEDOC. Acervo CEDOC. Ano: 2017.

²⁴ GOMES, Angela de Castro. Nas Malhas do Feitiço: O Historiador e o Encanto dos Arquivos Privados. **Estudos Históricos**, São Paulo, n. 21, p.01-07, 1998.

O Arquivo petrifica esses momentos ao acaso e na desordem; aquele que o lê, que o toca ou que o descobre é sempre despertado primeiramente por um efeito de certeza. A palavra dita, o objeto encontrado, o vestígio deixado tornam-se representações do real. Como se a prova do que foi o passado estivesse ali, enfim, definitiva e próxima. Como se, ao folhear o arquivo, se tivesse conquistado o privilégio de “tocar o real”.

Evitando cair nos encantos do arquivo, buscamos aprofundar as pesquisas sobre a vasta documentação salvuardada, observando possíveis desdobramentos para futuras pesquisas. A partir da catalogação preliminar do acervo podemos destacar as inúmeras possibilidades de estudos sobre o cotidiano da colônia Nova Veneza. A documentação da fábrica da família Bortoluzzi pode se configurar em uma janela de observação das tramas e tensões que envolvem a família, os funcionários e a própria estrutura da colônia. O Fundo Bortoluzzi apresenta vasta quantidade de cadernetas, livros caixas, registro de importações e de viagens. A documentação registra ainda as atividades desempenhadas pelos/as trabalhadores/as da fábrica, como também, os cargos ocupados pelos irmãos Bortoluzzi, e posteriormente de seus filhos.

Desse modo, podemos observar, entre outros temas, as relações trabalhistas, as redes tecidas pela família administradora da empresa para comprar e vender seus produtos, a expansão das atividades dos irmãos Bortoluzzi e como estes participaram ativamente da compra e venda de lotes coloniais na região sul de Santa Catarina. O acervo registra ainda a decadência da empresa expressa pelas cobranças de dívidas que se intensificaram nas décadas de 1950 e 1960.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho intitulado ‘Fundo empresa Bortoluzzi: da catalogação às relações trabalhistas’, fomentado pelo PIBIC/CNPQ/UNESC, desenvolvido em parceria com o CEDOC, foi determinante para a realização do primeiro contato com essa documentação. As ações iniciadas possibilitaram a abertura deste acervo para pesquisadores de toda região o que contribui para a ampliação de pesquisas sobre os processos migratórios no sul catarinense. Nesse sentido, além das ações técnicas de higienização, conservação, restauro e catalogação, pensamos ter contribuído para a divulgação de um acervo que nos possibilita ampliar o conhecimento referente aos anos iniciais das colônias estabelecidas no sul de Santa Catarina.